

XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã /Mídia Cidadã

Tema central: Comunicação Cidadã: gênero, raça, diversidade e redes colaborativas no contexto da pandemia

22 a 24 de junho de 2021, online

Iniciativa e Realização

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – **UNESP**

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design– **FAAC**

Departamento de Comunicação Social – **DCSO**

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Visibilidade e cidadania: As mãos benditas de Justina, o documentário¹

Autora: Laura Ferreira da Silva²;
Cristóvão Domingos de Almeida³

Resumo Expandido

Miguel Domingos Ferreira de Jesus, filho de Macário Ferreira de Jesus e neto de Vicente Ferreira Mendes; lutou intensamente pelos seus direitos à posse da terra herdada pelo seu pai Macário Ferreira de Jesus, cujo fazendeiros tentaram expulsá-lo da área, diante de várias pressões e ameaças por parte de fazendeiros, mesmo assim ele e sua família resistiram e permaneceram na comunidade. A trajetória de luta vivenciada pelas famílias quilombolas em defesa do território foi um processo árduo, moroso e de muitos enfrentamentos. As famílias tinham seus direitos violados em todos os aspectos e principalmente a liberdade de poderem transitar, pois, seus direitos eram totalmente restringidos, ficando dessa maneira as famí-

¹ Trabalho apresentado no GT 1 – Meios e Processos de Comunicação para a Cidadania da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2020-2021, de 22 a 24 de junho de 2021, na modalidade online – realizada ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã e UNESP – Universidade Estadual Paulista / FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Departamento de Comunicação social.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

³ Pós-doutor em Comunicação, Doutor em Comunicação e Informação, mestre em Educação e é professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMT.

lias isoladas. Inclusive para o senhor Miguel Domingos, deslocar até a cidade de Nossa Senhora do Livramento, que fica a 20 km da comunidade, ele tinha de sair de casa de madrugada, escondido dos capangas dos fazendeiros; e quando retornava para casa já era tarde da noite.

Muitas famílias, não aguentaram as pressões por parte de fazendeiros e migraram forçadamente para os centros urbanos próximos. Porém, a família de Miguel Domingos, não deixou o local, principalmente por não terem para onde ir. Eles ficaram e fizeram os devidos enfrentamentos. Na época apenas 06 (seis) famílias ficaram no território sendo: Família de Miguel Domingos Ferreira de Jesus, Manoel Apolinário da Silva, Simão Luiz de Moraes, Tomaz Couto, Arnaldo Rosa de Arruda e Sizernando Carmo dos Santos (Nezinho).

A família de Miguel Domingos, lutou muito, inclusive com uma grande resistência a partir do processo das roças de toco, da qual retiravam sua sobrevivência. Contudo sofriam com a pressão dos fazendeiros que cortavam toda sua produção e, não obstante ainda colocava veneno nos pés das bananas. Além disso, cortavam cercas e deixavam seus gados pastarem a produção. Mas, isso não foi o suficiente, para a família desistir de suas terras, ao invés de saírem, mesmo diante das dificuldades, eles replantavam e até ampliava o plantio, demonstrando a resistência pelo trabalho. A família do senhor Miguel Domingos, resistiu arduamente, a qual considera as produções nas roças de toco como fundamental no cenário resistência, e, dessa atividade que eles retiravam a sobrevivência. A luta travada pela família do senhor Miguel, foi com dois fazendeiros sendo um da Fazenda Flamboyant e outro da fazenda Romales.

Apesar da incessante luta, o senhor Miguel Domingos, adoeceu e não resistiu às enfermidades e faleceu no dia 13 de maio de 1983, aos 67 anos. Com a morte do senhor Miguel Domingos, a sua esposa Dona Rosa Domingas de Jesus, começou a lutar juntamente com os seus 10 (dez) filhos pelo direito a terra e principalmente pela memória do seu esposo, fazendo justiça a luta dos antecessores.

Dona Rosa, mulher quilombola passou por muitas pressões, viu seus filhos e genros serem presos pela polícia, mas nunca desistiu de lutar por aquilo que ela acreditava e defendia o lugar onde ela nasceu, se criou e constituiu a sua família, porque para ela o território é o lugar sagrado.

Sobre o conceito de território recordamos o pensamento de Anjos (2009) ao afirmar que

[...] o território é uma condição essencial porque define o grupo humano que ocupa, onde estão localizados e por que estão naquele espaço (historicidade). A terra – o terreiro – não significa apenas uma dimensão física, mas antes de tudo é um espaço comum, ancestral, de todos que tem os registros da história, da experiência pessoal e coletivo do seu povo, enfim, uma instância do trabalho concreto e das vivências do passado e do presente. Num quilombo a terra não é pensada nem praticada como uma propriedade individual, mas como uma instância do uso comum-coletivo, que é elemento principal da consolidação de território étnico, da manutenção da identidade cultural e da coesão social. (ANJOS, 2009, p.108)

Salientamos que embora o território seja um espaço sagrado, as famílias sem apoio do Estado e das Instituições, veem seus direitos violados, pois, aqueles que deveriam zelar e cuidar dos municípios, infelizmente eram contra as famílias que na época era conhecido como comunidade de negro. Mesmo sem domínio da leitura ou escrita Dona Rosa travou árduas lutas para defender a terra, o território e o lar dos seus filhos e manter a identidade do seu povo.

Com o passar dos anos, as ameaças e as pressões se intensificaram cada vez mais e diante de tantas injustiças, o filho de Dona Rosa Domingas, o senhor Germano Ferreira de Jesus, mesmo com pouco conhecimento, seguiu para a Cuiabá, a capital do estado de Mato Grosso, em busca de apoio e encontra acolhida em Instituições dos Direitos Humanos, Comissão Pastoral da Terra, Grupo de União e Consciência Negra e Centro de Organização de Defesa da Criança e Adolescente, e dessa maneira surgiram as parcerias e mobilizações em defesa da comunidade quilombola.

Ressaltamos que a parceria e conhecimento dos movimentos sociais foram fundamentais, pois, desse modo, permitiu que a universidade também se inserisse dentro da comunidade, realizando pesquisas, estudos antropológicos, resultando no reconhecimento de que a comunidade é quilombola, dessa maneira passamos então a usar esta nova nomenclatura e defender o direito de pessoas que resistiram a opressão e a dominação. A partir desse reconhecimento, abre-se novas possibilidades, uma delas, foi a valorização da identidade quilombola, possibilitando o retorno à comunidade de diversas famílias ao território quilombola, sendo que o Território de Mata Cavalo, localizado no município de Nossa Senhora do Livramento, MT, compreende seis comunidades: Aguaçu, Capim Verde, Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima, Mutuca e Ponte da Estiva.

Após 47 (quarenta e sete) anos de luta, foi criada a associação dos pequenos produtores rurais da comunidade Sesmaria Boa Vida Ribeirão da Mutuca no dia 25 de julho de 1997. Em 2001, houve alterações no estatuto e passou a ser Associação da Comunidade Negra Rural

Quilombo Ribeirão da Mutuca – ACORQUIRIM. A associação foi criada por entender que era preciso fortalecer a luta e para isso era fundamental a organização jurídica. A associação é composta por 142 (cento e quarenta e dois) famílias quilombolas, que sobrevivem da agricultura familiar quilombola. A associação rural possui localização privilegiada, pois fica a 50 Km de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso.

Com o anseio de poder valorizar os conhecimentos ancestrais e dar visibilidade das ações para fora da comunidade quilombola, encontra-se no edital mestre de cultura, uma oportunidade de poder demonstrar as ações dentro do quilombo e principalmente valorizar a Mestra Justina, que é uma das filhas de Dona Rosa Domingas de Jesus e o Senhor Miguel Domingos Ferreira de Jesus, que tanto tem a ensinar, pois, são conhecimentos herdados pelos ancestrais e perpassado de geração a geração.

A visibilidade e cidadania “As Mãos Beneditas de Justina” o documentário, é fruto de trabalho coletivo, tendo como proponente Laura Ferreira da Silva, quilombola, que se dedica na construção da identidade e na valorização da ancestralidade presente na comunidade mutuca. A proponente do documentário, cria, a partir do roteiro, do conteúdo, dos registros e das narrativas a valorização da história, da memória, da cultura, das vivências e práticas cotidianas que são primordiais num processo mostrar os significados e as ressignificações da vida e do viver em comunidade.

No documentário, a mestra homenageada em vida é a cozinheira, doceira Justina Ferreira da Silva, 65 anos, quilombola e moradora da comunidade mutuca, umas das 06 (seis) comunidades que compõe o Território do Mata Cavallo, localizado no Município de Nossa Senhora do Livramento/MT. Dona Justina, é mãe de 06 (seis) filhos e desde aos 04 (quatro) anos sempre acompanhou seus pais nos trabalhos das roças – agricultura de subsistência - que são por meio de muxiruns⁴, trabalho coletivo que a comunidade organiza para potencializar a produção, seja, semeando, carpindo, colhendo. A mestra homenageada sempre foi chamada de “São Benedita”, devido ao fato de não sair do fogão de lenha, a qual prepara os diversos tipos de pratos quilombolas, assim como o santo negro “São Benedito”, que era cozinheiro por ofício, dessa maneira a sr^a Justina, ela está a frente da cozinha da comunidade há mais de 50 (cinquenta) anos, tendo os dotes e as receitas culinárias presente, que envolvem a cultura de roças da comunidade que é a base do extrativismo, banana: doces, balas, rapaduras, fari-

⁴ Muxiruns – prática de trabalho em grupo, coletividade ou mutirão.

nha, chips e dentre outros e ainda comanda a cozinha na festa da banana e festa de santos desenvolvidas nas comunidades. Essas características nos fazem articular com a expressão de Moura (2012, p. 111)

[...]festas ratificam o modo de expressão da identidade do grupo e da luta desde os antepassados. Vivenciar tradições, celebrar os santos de devoção, conhecer histórias dos mais adultos, dançar, cantar músicas tradicionais (ou novas) lhes conferem traços comuns, sintetiza os elementos todos, depreende-se como se constrói e se define a identidade étnica em comunidades negras rurais.

As experiências culinárias, expressam os meios de resistência e existência, dessas mulheres quilombolas, além do pertencimento étnico cultural e racial, pois se configura a partir da vivência no quilombo, por meio da historiografia cultural, nas festas de santos, nos afazeres domésticos, nas roças, artesanatos, experiências, saberes e fazeres, conhecimentos geracionais e assim, procura manter viva a ancestralidade. Justina, desde cedo vivenciou juntamente com seu avô Macário e seu pai Miguel Domingos a prática de fazer o melado, açúcar mascavo e trabalho nas roças. Esse relato, articula com a afirmação de Bandeira (1988, p. 210)

O culto do santo de casa realiza interesses religiosos determinados pela lógica de produção simbólica da família no plano do sagrado. Na ordem social, a família é o elemento semântico básico do sistema social. Sendo a comunidade basicamente integrada por famílias, a vida social desenvolve-se como metáfora dessa organização, integrando relações entre as famílias e as relações entre a família e as esferas da vida social.

Em consoante com Bandeira (1988), o rito de celebração é de natureza religiosa, é marcado pelo registro de suas memórias e enaltece a resistência do povo através das festas. São valores fundamentais para a construção de todo um pertencimento identitário e que precisem ser respeitados e é preciso, mostrar e materializar em audiovisual, mantendo as identidades singulares e a diversidade cultural

A cultura celebrada, está relacionada com a terra e a religiosidade, fortalece a comunidade e o momento de compartilhar memórias dos saberes, dos sabores, das cores, dos sons das roças, dos sons das festas.

O documentário, teve um processo de planejamento, em que o roteiro facilitou a aplicabilidade das ações elencadas, para a elaboração e conclusão do mesmo. O documentário deu-se num período de 04 (quatro) meses, entre entrevistas, pesquisas, depoimentos, seleção das pessoas que seriam entrevistadas e filmagens. Salienta-se que foi uma construção coletiva, com a participação dos jovens quilombolas que compôs a equipe e auto destacaram dentro do documentário enquanto, pesquisadores, produtoras, operador de câmera, fotografia, continuís-

ta, microfonistas, makin off e a trilha sonora ficando a cargo de Dona Paulina, que sempre nos alegras com o toque do tambor do siriri quilombola. E, todas estas ações ocorreram na comunidade quilombola da Mutuca em Nossa Senhora do Livramento/MT. O documentário gravado tem a duração de 01:30 (uma hora e trinta segundo), no período de abril de 2021, sendo que o mesmo foi montado e editado pelo Cauê Onirê. Após a edição, fizemos o lançamento no dia 13 de abril de 2021, data de aniversário da mestra homenageada Justina, como forma de valorizamos a cultura, a história de vida e a sua resistência. Embora o lançamento foi feito de maneira virtual, porém, na comunidade houve o lançamento presencial, apenas com os familiares da mestra homenageada. Foi um momento importante para ver e entender a história e a memória, sendo transmitida para além da comunidade, que realça a importância do audiovisual no processo de resistência dos quilombolas, pois, a produção do documentário é o meio de disseminar conhecimentos e principalmente possibilitar vivenciar a produção de memória, identidade ligada afetivamente ao espaço social, reforça, o sentimento de ser e pertencer, consolidado na colaboração, solidariedade de variadas formas, no compartilhar, nos sentimentos de partilha, de valores, alegria, sonhos, histórias e vidas dentro da comunidade quilombola, por entender ser espaços sagrados.

Palavras-chave: Comunidade; Quilombola; Documentário; Mídia.

Referências bibliográficas

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil** – Primeira Configuração Espacial/Rafael Sanzio Araújo dos Anjos. Brasília. Edição do autor 1999.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território negro em espaço branco**. Editora Brasiliense, 1988

MOURA, Glória. **Festa dos quilombos**. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 2012.